



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTOS DE ARTES
LICENCIATURA EM TEATRO

A CONTRIBUIÇÃO DO APRENDIZADO DE TEATRO PARA ALUNOS COM
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS.

Ednalva Alves Pinheiro

Porto Velho/RO
2012

EDNALVA ALVES PINHEIRO

A CONTRIBUIÇÃO DO APRENDIZADO DE TEATRO PARA ALUNOS COM
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS.

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Programa
Pró-licenciatura Universidade de Brasília, como
requisito para obtenção do grau de Licenciada em Teatro,
sob orientação da Professora Ms.: Rita Gusmão.

Porto Velho/RO
2012

EDNALVA ALVES PINHEIRO

A CONTRIBUIÇÃO DO APRENDIZADO DE TEATRO PARA ALUNOS COM
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS.

Trabalho de Conclusão de Curso
Orientação: Professora Ms. Rita Gusmão.

Porto Velho, de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Professora Ms. Rita Gusmão

Prof (a) e Titulação

Prof(a) e Titulação

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho em especial a Deus pelo seu tão grande amor; por tudo que ele representa para mim sendo o meu porto seguro; por ter renovado as minhas forças nessa caminhada, me abençoando e sustentando; e por cuidar de mim todos os momentos, principalmente me livrando de acidentes nas viagens de estudo ao polo(Porto Velho),nas quais percorria 1000 km (ida e volta); e também à minha família que pacientemente compreendeu a minha ausência e compartilhou comigo os momentos difíceis, sempre me incentivando a continuar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter permitido que eu chegasse até aqui; ao Dr. Jorge Graça Veloso pela orientação e atuação na coordenação do Pró-Licenciatura em Teatro Ida/UnB; ao Pró-Licenciatura, seus coordenadores, professores e demais funcionários que muito contribuíram para a minha formação nesse programa.

Às professoras tutoras Maria Cristina Silva, Amanda Ayres, Eliana Severino dos Santos, Rayssa Aguiar, Sanântana Vicêncio e à minha orientadora professora Rita Gusmão.

À minha família, pela compreensão nos momentos que estive ausente participando de aulas presenciais no polo; aos tutores presenciais que não me deixaram desistir, me incentivando, me ajudando e compreendendo as dificuldades encontradas no envio das atividades; à diretora e à vice-diretora da escola onde trabalho, Nádia Angélica da Cruz e Rosimari Strabeli Freire, pelo incentivo e apoio; aos colegas de trabalho; aos pais e alunos da escola especial Denise Accorsi Tomio Colaço que participaram de alguns projetos relacionados ao curso e com os quais pude aprender muito; àqueles que verdadeiramente me deram força nessa caminhada; em especial à minha amiga Osvalda Marcelino, que muito contribuiu me ajudando tanto no que se refere às trocas de experiências, quanto no que diz respeito ao uso da tecnologia no envio de tarefas.

RESUMO

Tendo à vista que a arte está presente na sociedade manifestando-se de diferentes maneiras e servindo a variados propósitos, esse trabalho busca compreendê-la como meio favorecedor do processo de inclusão social de alunos com necessidades educacionais especiais. Busca-se também mostrar que o aprendizado do teatro traz grandes contribuições no que se refere à constante superação de desafios e à concretização de possibilidades que favorecem o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor deste aluno.

Palavras-chave: Teatro. Aprendizagem. Educação Especial.

ABSTRACT

Given that art is present in society manifesting itself in different ways and serves various purposes, such work tends to understand art as a medium that favors the process of social inclusion of pupils with special educational needs, learning where the theater has brought great contributions regarding the constant quest to overcome challenges and opportunities that foster achievement of the cognitive, affective, psychomotor and social student.

Keywords: Theatre. Learning. Student.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Capítulo 1-	
Teatro e Educação.....	10
Capítulo 2-	
A Contribuição do Aprendizado de Teatro para Alunos com Necessidades Educativas Especiais.....	15
2.1- Interação Social e Desenvolvimento.....	16
2.2- Como Surgiram os Festivais.....	17
2.3- O Festival “Nossa Arte” e sua chegada em Rondônia.....	19
2.4- A Participação da “Escola Especial Denise Accorsi Tomio Colaço” no Festival “Nossa Arte”: uma experiência pedagógica em Teatro.....	21
Conclusão.....	26
Referências.....	27
Anexos.....	29

INTRODUÇÃO

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a prática escolar distinguiu-se de outras práticas educativas, como as que acontecem na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nas demais formas de convívio social, por constituir-se numa ação intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças e jovens durante um período contínuo e extenso de tempo. A escola, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará eleger, como objetivo de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais.

Esta escola, por ser uma instituição social com propósito explicitamente educativo, tem, também, o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos. Do ponto de vista da Educação Especial, a escola é promotora da inclusão e propicia que a Arte contribua para realizar a transversalidade da áreas de conhecimento que ampliam o alcance do processo de ensino e aprendizagem.

Na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação em Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, esta área relaciona-se com as demais áreassem perder suas especificidades. Consideramos que ensinar a Arte na educação especial exige um olhar reflexivo voltado para a busca constante de superação de desafios e concretização de possibilidades que favoreçam o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor do aluno. É nesse âmbito de ensino da arte, e especificamente do teatro no Brasil, que

procuramos apresentar a experiência realizada na “Escola Especial Denise AccorsiTomio Colaço”, ressaltando os aspectos didáticos e refletindo sobre eles, em função do aprendizado pedagógico desenvolvido no curso de Licenciatura em Teatro.

Nesse sentido,este trabalho apresenta uma breve retrospectiva da história, origem e desenvolvimento do “Festival Municipal Nossa Arte”, realizado a cada dois anos na Escola Especial Denise Accorsi Tomio Colaço, destacando a contribuição do aprendizado do teatro para o desenvolvimento cognitivo de alunos com necessidades educacionais especiais, numa perspectiva pedagógica, visando à inclusão social. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, onde foi utilizada a pesquisa documental e entrevista não dirigida, esta última aplicada à diretora e à ex-diretora da referida escola, bem como à atual coordenadora pedagógica da mesma, tendo em vista o levantamento de dados históricos do evento, dos quais participaram em diferentes funções ao longo dos anos.

Esta experiência foi especialmente relevante para a aplicação dos conceitos, métodos e princípios aprendidos na formação como professora de teatro, e por este motivo foi escolhida como foco da reflexão para a monografia de conclusão de curso da autora.

Capítulo 1

Teatro e Educação

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender, de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo (PCN, v. 6: 21).

O teatro, como arte, foi formalizado no ocidente pelos gregos, passando dos rituais primitivos onde as concepções e símbolos religiosos eram centrais, para o espaço cênico organizado, valorizando-o como demonstração de cultura e conhecimento. É, por excelência, a arte do humano, exigindo a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação (PCN, v. 6: 83).

Em seu livro “Quando o teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço” (2004), Flávio Desgranges fala do surgimento do teatro moderno em fins do séc. XIX e início do séc. XX, como algo proveniente de dois fatores fundamentais: o desenvolvimento científico e as mudanças na estrutura social, política e econômica. Para ele, o desenvolvimento tecnológico contribuiu para as transformações teatrais provocando uma revolução cênica, a qual veio acrescentar não somente recursos tecnológicos que permitiram redimensionar o palco, iluminando a cena, inventando sonoridade, profundidade, e multiplicando sensações mas, também, aprofundando conhecimentos sobre as condições de vida do homem, pois o teatro entrou em consonância com este momento histórico, e passou a requerer a formulação de novas concepções artísticas. Este movimento passou pelo questionamento e a investigação acerca das possibilidades de comunicação entre o palco e a plateia, visando provocar nos espectadores atitudes de reflexão produtiva acerca da vida e da sociedade como um todo.

Quando se pensa em teatro nas escolas, uma das principais intenções é, justamente, quebrar modelos e ampliar pensamentos, de modo que o mesmo não seja visto apenas de uma

forma, ou seja, como o espetáculo para a plateia, e, também, transformar o conceito de que as encenações não contribuem ou não permitem reflexão, o que sempre acontece tanto durante o processo de criação quanto de recepção dos espetáculos. Mesmo sem ter ainda a merecida atenção, pouco a pouco o ensino da dança, da música e do teatro vem ganhando espaço nas escolas brasileiras, e na educação especial vem seguindo esta mesma trajetória.

A professora Ana Mae Barbosa, que é sem dúvida uma referência para o ensino da arte no Brasil, em uma entrevista concedida a edição do “Boletim de Democratização Cultural”, respondeu à pergunta: Como a arte influi na capacidade de aprendizagem e como deve ser inserida na escola para que a criança entenda desde cedo o significado da Arte, que:

Ainda é preciso mais pesquisas, mas podemos dizer que a arte leva os indivíduos a estabelecerem um comportamento mental que os leva a comparar coisas, a passar do estado das ideias para o estado da comunicação, a formular conceitos e a descobrir como se comunicam esses conceitos. Todo esse processo faz com que o aluno seja capaz de ler e analisar o mundo em que vive, e dar respostas mais inventivas. O artista faz isso o tempo todo, seja para melhor se adequar ao mundo, para apontar problemas, propor soluções ou simplesmente para encantar, que é uma das formas de tirar você das mazelas do dia-a-dia. A arte não tem certo ou errado, o que é muito importante para as crianças que são rejeitadas na escola por terem dificuldade de aprender, ou problemas de comportamento. Na arte, eles podem ousar sem medo, explorar, experimentar e revelar novas capacidades. A arte desenvolve a cognição, a capacidade de aprender. Isso já foi demonstrado em uma pesquisa feita nos Estados Unidos em 1977, quando foram estudados os dez melhores alunos em um período de dez anos. Os melhores tinham apenas uma característica em comum: todos tinham feito ao menos dois cursos de arte em suas trajetórias pelas escolas. Além disso, um país só pode ser considerado culturalmente desenvolvido se tiver uma produção de alta qualidade e uma compreensão dessa produção também de alta qualidade. No Brasil, precisamos democratizar a compreensão e isso deve começar nas escolas, na educação infantil.

(Trechos extraídos de entrevista pessoal com Ana Mae Barbosa e entrevistas concedidas a Agência Repórter Social (jornalista Flávio Amaral) e Museu de Arte Contemporânea da USP)

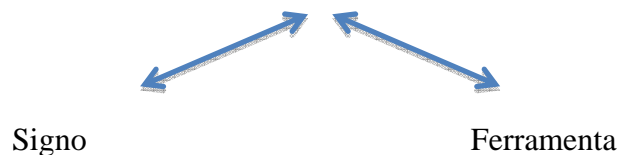
O teatro contribui para as diferentes disciplinas, proporcionando ao aluno o aprendizado da linguagem verbal, corporal, da atenção, concentração, memorização, organização espacial/temporal e autoestima, entre outros. Nas atividades teatrais há constante interação social em diversas dimensões, oferecendo ao aluno um amplo espectro de situações

e oportunidades de aprendizagem, desenvolvendo competências e habilidades na construção de conhecimentos diversificados.

Segundo Vygotsky (apud Maria Eunice de Oliveira^I; Tania Stoltz^{II},2010), o ator não precisa experimentar determinadas situações para poder sentir uma emoção e reproduzi-la no teatro. As emoções são construídas socialmente e estão dispersas por todas as situações e lugares e são percebidos pelos sentidos do sujeito, que é ator na sociedade em que vive e pode ser ator no palco. O sujeito compreende o significado das emoções, e o ensino de arte proporciona que ele reflita sobre quando e como ele as sente ou as "utiliza". Assim, o ator social percebe e constrói seus esquemas de comportamento de acordo com as situações e experiências vividas por outros e, na sua prática artística, os transporta para sua atuação no palco.

O teatro fundamenta-se na experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimentos. No processo de formação da criança além de cumprir sua função integradora, oportuniza à criança que se aproprie dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade, mediante troca com grupos de maneira crítica, reflexiva e construtiva. É, sem dúvida, uma atividade coletiva uma vez que trabalha diferentes pontos de vista, respeito às regras e ao outro, dessa forma, agindo na Zona de Desenvolvimento Proximal, que se estabelece na situação de interação e cooperação entre os alunos sob a supervisão do professor, sempre criando novas ZDP's. Para Vygotsky, o aprendizado dos conteúdos culturais é uma função do desenvolvimento real, isto é, dos ciclos de desenvolvimento completados pela criança, que se realizam com a idade e com as experiências vividas no cotidiano. A escolarização seria uma função do desenvolvimento proximal, isto é, do processo de maturação e de conscientização do aprendizado no real. No desenvolvimento proximal se equalizam o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial da criança. O desenvolvimento e o aprendizado formariam uma dinâmica constante na formação mental do ser humano, sendo o primeiro uma consequência do segundo, e se comportariam como prospectivos, ou seja, o que é proximal hoje será o real de amanhã, e sucessivamente novos ciclos de desenvolvimento proximal iriam se estabelecendo no decorrer da vida.

É possível adotar um esquema como o seguinte para esta interação:



Durante o desenvolvimento proximal, duas fases se dão interativamente: primeiro a apreensão de operações externas, que acontecem no nível social; em seguida, a reconstrução interna destas operações, nomeada *interiorização*; o processo de interiorização é, na verdade, uma longa série de eventos que compõem o desenvolvimento real da criança. A escolarização, para Vygotsky, só é efetiva quando desperta e põe em movimento os eventos que estão interiorizados, auxiliando na sua maturação. Em paralelo ao estímulo e à oferta de informações para a interiorização, cabe ao processo de ensino e aprendizagem garantir as *janelas de aprendizagem*, que são as atividades apropriadas a cada grupo de aprendizes, que levam em consideração sua personalidade e os conteúdos que possam proporcionar que se alcance objetivos e metas do programa de ensino e aprendizagem deste grupo em especial. Deste modo, o processo deve proporcionar aos aprendizes meios de personalizar seu aprendizado. Para tanto, o professor (ou condutor do processo) deverá se ocupar da *interação social*, ou noutras palavras, do processo social de comunicação do aprendiz com seus pares, com o próprio professor e com o ambiente à sua volta. O desenvolvimento da percepção é parte deste sistema dinâmico de aprendizado, e sua principal característica seria a compreensão da relação entre as transformações internas e as ações do indivíduo no social, entre as transformações nas próprias percepções e sua influência no desenvolvimento intelectual e emocional do aprendiz (FINO, 2001).

As propostas educacionais devem compreender a atividade teatral como uma combinação de atividades para o desenvolvimento global do indivíduo, um processo de socialização consciente e crítico, um exercício de convivência democrática, uma atividade artística com preocupações de organização estética e uma experiência que faz parte das culturas humanas (PCN, v. 6: 84). Portanto, o teatro é importante por motivar os alunos, por permitir seu desenvolvimento nos aspectos emocional, social, motor e cognitivo, favorecendo o desenvolvimento de sua capacidade de perceber, analisar, refletir, diferenciar e interpretar diferentes gêneros, seja na arte seja na ciência. Assim também no uso da linguagem, imaginação e criatividade, e realizando na prática estes conhecimentos quando da atuação no palco.

Na educação especial todas estas circunstâncias se mantêm e se realizam, como veremos a seguir.

Capítulo 2

A CONTRIBUIÇÃO DO APRENDIZADO DE TEATRO PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Assim como na educação tradicional, onde a pedagogia centrou-se durante os últimos anos na transmissão de conteúdos, não havendo a preocupação no processo de aprendizagem significativa do aluno, ocorreu também no âmbito da educação especial. A partir de pesquisas desenvolvidas em vários campos das ciências humanas as quais trouxeram dados importantes sobre o desenvolvimento da criança, bem como sobre a educação de outras culturas, é que surgiram autores que formularam os princípios inovadores para o ensino da criança, reconhecendo-a como ser humano capaz de manifestações espontâneas e com capacidade auto-expressiva.

Por outro lado, a questão central do ensino de arte no Brasil diz respeito a um enorme descompasso entre a produção teórica, que tem um trajeto de constantes perguntas e formulações, e o acesso dos professores a essa produção, que é dificultado pela fragilidade dos processos em vigor para sua formação, pela pequena quantidade de livros editados sobre o assunto, sem falar nas inúmeras visões preconcebidas que reduzem a atividade artística na escola a um verniz de superfície, que visa às comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar (PCN, v. 6: 31). Apesar das dificuldades encontradas, a formação do professor na área de artes, bem como a pequena ampliação do acesso a essas produções, cada vez mais tem possibilitado que professores se reúnam, e por meio de trocas modifiquem este quadro de falta de acesso.

Entre muitas definições para a arte, que influenciam na forma de ensiná-la, destaca-se a encontrada no Portal para Jovens (2010, p. 1):

[...] é uma criação humana com valores estéticos (beleza, equilíbrio, harmonia, revolta) que sintetizam as suas emoções, sua história, seus sentimentos e a sua cultura. É um conjunto de procedimentos utilizados para realizar obras, e no qual aplicamos nossos conhecimentos.

Concorda-se com Carvalho (2010), quando ele analisa a importância da função do historiador de arte, como sendo aquele que atua como educador ao interpretar as implicações das obras, e como uma figura que registra e enfatiza a importância de práticas culturais que vão se tornando história na vida de uma determinada população. O ensino de arte, e de teatro, deve valorizar a história, de modo a promover o entendimento das origens das sociedades, auxiliando os alunos a contextualizarem seu momento histórico e impedindo que se perca sua trajetória, caso não percebam o reconhecimento do trabalho realizado até então. Tendo à vista que a arte, feita tanto pelo homem quanto pela mulher, serve a variados propósitos, esse relato procura estimular a compreender a arte como meio favorecedor do processo de inclusão social de alunos com necessidades educacionais especiais, uma vez que promove a reflexão tanto de quem assiste as apresentações como de quem as produz, ou organiza e financia. A realização da atividade artística abre espaço para a percepção de quem é o aluno com necessidades educacionais especiais e quais são as suas possibilidades, e a avaliar as transformações que a sociedade necessita para aceitá-lo.

2.1- Interação Social e Desenvolvimento

O ser humano se desenvolve pela interação com o meio. Ao nascer, já depende completamente das pessoas que o cercam para que seus movimentos e expressões sejam interpretados, e assim, suas necessidades físicas e afetivas passam a ser atendidas. Esse contato e troca com o mundo, com objetos e pessoas, possibilitam uma série de estímulos que permite o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo.

Para Vygotsky (1989), pela interação social, a criança tem acesso aos modos de pensar e agir correntes em seu meio:

A cultura compartilha as formas de raciocínio, as diferentes linguagens (como a língua, a música, a matemática), tradições, costumes, emoções e muito mais. A utilização de instrumentos é uma característica essencialmente humana que possibilita maior domínio do meio e o desenvolvimento de habilidades específicas para utilizá-lo. Os signos elaborados pela cultura servem como instrumentos intelectuais que exigem do homem e lhe possibilitam uma diferenciação do pensamento em relação aos animais. Um dos pontos cruciais do desenvolvimento humano,

que altera o curso de seu pensamento, é a conquista da fala (apud Maria Eunice de Oliveira e Tania Stoltz, Op. Cit.)

Para Vygotsky, a experiência emocional da criança em relação ao meio social é decisiva no curso de seu desenvolvimento psicológico pois determina o tipo de influência que a situação e o meio terão sobre ela. Não é único um fator em si que influencia o curso do desenvolvimento da criança, mas os diversos fatores refratados pelo prisma da experiência emocional que ela vive (VYGOTSKY, apud Maria Eunice de Oliveira e Tania Stoltz, 1994, p.340. Diante do exposto', propõe-se que se inclua de fato atividades teatrais na escola de educação especial, uma vez que o teatro é entendido como um aprendizado que possibilita o desenvolvimento da imaginação e o uso da linguagem, favorecendo a ação próprio sujeito, promovendo a interação social dos alunos.

Embora os alunos apresentem necessidades especiais diversificadas na Escola Especial Denise Accorsi Tomio Colaço, correspondem ao que indica a Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, que os nomeia como sendo “todos aqueles que apresentam deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação”(2007, p. 9). Pode-se entender melhor esta caracterização quando se pensa mais especificamente que:

[aluno com] deficiência [é aquele] que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

O Decreto nº 6.571 de 17 de setembro de 2008, estabelece no artigo 1º que o alunado acima mencionado é aquele que compõem o atendimento educacional especializado, este último entendido no § 1º como sendo “[...] o conjunto de atividades,

recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular”. E, no artigo 2º, apresenta como objetivos:

- I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular aos alunos referidos no art. 1º;
- II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;
- III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e
- IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis de ensino.

Essas mesmas propostas são revalidadas na Resolução nº 552 do Conselho Estadual de Educação do Estado de Rondônia, datada de 27 de abril de 2009.

A Escola Especial Denise Accorsi Tomio Colaço atende a alunos com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento, tanto aqueles em idade escolar, de seis a quatorze anos, comotambém os de zero a seis e os acima de quinze anos. Todos frequentam o ensino regular e, em período contrário, recebem o atendimento educacional especializado na instituição supramencionada. É para eles que o “Festival Municipal Nossa Arte” é organizado.

Costa (2000, p. 16), alerta que a arte é um meio de excelência para o desenvolvimento do indivíduo com necessidades educacionais especiais, favorecendo o trabalho transformador dessa pessoa porque no seu âmbito este

[...] pode trabalhar os seus sentimentos em relação à sociedade, que, na maioria das vezes, o discrimina ou segrega, devido aos preconceitos e ao estigma. [...] é capaz de transformá-lo em um ser humano socialmente ativo, com uma auto-estima positiva e uma função social determinada.

2.3- Como surgiram os Festivais

A APAE de Santa Bárbara D’oeste realizava seu programa de Arte Educação como parte do seu currículo escolar, fazendo apresentação na APAE, em clubes e outros recursos e eventos da comunidade; porém ainda não existia nada nessa área em nível de Federação Nacional das APAEs. Foi então, que no ano de 1986, vieram para o Brasil os chilenos Harry CristiánMuñoz e Arturo Rivas, e trouxeram do Chile a experiência em festivais. Cristián fora

um dos diretores organizadores do Festival delNiño La Esperanza por mais de 8 anos.

Em 1988, a APAE de Ribeirão Pires/SP foi a primeira APAE Brasileira a participar deste festival. Já em 1989, foi a vez de da APAE de Santa Bárbara D’oeste, apresentando a dança “Amazônia Pede Socorro”, A qual ganhou o primeiro lugar em coreografia e visual. A Federação das APAES do Estado de São Paulo mantém um intercâmbio com o Festival do Chile desde essa época, através do Corpo Organizador do Festival.

Foi a partir da experiência dessas duas APAEs que o fonoaudiólogo Cristian e o professor Arturo iniciaram o trabalho junto a Federação das APAEs do Estado de São Paulo. Por iniciativa da Dra. Lair Moura Sala Malavila, até então presidente da APAE de Ribeirão Pires e presidente da Federação das APAES Do Estado de São Paulo, criou o 1º Festival Estadual Nossa Arte. Este Festival foi realizado no ano de 1991 na cidade de Pirassununga , nele participaram 14 APAEs do Estado de São Paulo. A APAE de Santa Bárbara d’Oeste participou como apresentação especial, pois já estava em um nível mais adiantado.

Para uma melhor organização dos festivais regionais, que iriam acontecer a partir do ano de 1992, e do festival estadual, foi criado um Regulamento para participação. Os pontos principais referiam-se com a inscrição, a participação, gêneros artísticos(dança, mímica, folclore, banda e teatro), categoria (A,B,C Especial) e classificação.

Em 1992, foi realizado o II Festival Estadual Nossa Arte, na cidade de Americana/SP. Foi organizado pelo CREIA(atual APAE de Americana), com participação de 24 cidades, as quais foram selecionadas em cinco festivais regionais (criados devido à impossibilidade de apresentação da quantidade de APAEs interessadas).

Em 1993, foi realizado o III Festival Estadual Nossa Arte na cidade São Caetano do Sul /SP, onde participaram 30 escolas de Educação Especial e outras convidadas como participação especial. Em 1994, foi realizado o IV Festival Estadual Nossa Arte na cidade de São Paulo. Desde 1991, ano em que se criou o Festival,a Federação das APAEs do Estado de São Paulo não deixou de incentivar a arte em seu estado através de cursos, palestras e oficinas para todas as entidades. Promover Festivais em níveis regionais, estaduais, e, em 1994, um Festival Internacional realizado num dos palcos mais modernos e importantes da América: Memorial da América Latina, bastante considerado pelo ambiente artístico internacional; e um privilegio que os artistas excepcionais já estão usufruindo.

Em 1995, foi realizado o V Festival Estadual Nossa Arte, também na cidade de São Paulo no Memorial de América Latina. Nesse mesmo ano, o Presidente da Federação Nacional das APAEs, Dr. Flávio Arns, une-se à luta da Dra. Lair Moura Sala Malavila, Presidente da Federação das APAEs do Estado de São Paulo, e resolve criar uma coordenadoria de arte em todos os estados, seguindo os marcos e a experiência da Federação das APAEs do Estado de São Paulo. Assim nasce o I Festival Nacional Nossa Arte realizado em julho de 1995, na cidade de São Salvador/BA, durante XVII Congresso Nacional das APAEs, sem caráter competitivo.

No ano de 1996, aconteceu o II Festival Nacional Nossa Arte, com caráter competitivo, realizado na cidade de Vitória/ES, nos dias 11 e 12 de outubro. Neste festival quem obteve primeiro lugar em dança foi o “Grupo de dança Despertar” com o tema “Conquista”, representando o estado do Paraná.

Paralelo ao Festival, aconteceu a I Exposição de Artes Plásticas, também com caráter competitivo classificando em primeiro lugar o trabalho do aluno Ricardo da Silva Teodoro, do Estado de Minas Gerais. Antecede ao festival o concurso de cartaz que gera a logomarca do evento. O classificado em primeiro lugar foi o trabalho do aluno da APAE de Brusque/SC, Thiago Pianezzer.

Foi então, a partir dessas experiências em festivais realizados no Chile, que o

trabalho com artes veio se tornando cada vez mais significativo no âmbito da educação especial, abrindo um leque de possibilidades e situações que proporcionam momentos reflexivos, tanto do aluno com necessidades educacionais especiais, quanto daquele que o vê atuando no palco.

2.4- O Festival “Nossa Arte” e sua chegada em Rondônia

O Brasil conta com um grande número de Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs) e entidades similares, denominadas coirmãs, filiadas à Federação Nacional das APAEs. Todas apresentam entre seus objetivos o de desenvolver um trabalho visando à inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais. O movimento Apaeano vem intensificando cada vez mais as promoções artística de seus atendidos, oferecendo a oportunidade às APAEs e coirmãs de participação nos Festivais.

O Festival “Nossa Arte” teve início no Brasil em São Paulo em 1992, foi trazido do Chile para modificar a visão da sociedade em relação à capacidade da criança especial, bem como integrá-la à sociedade. Tem como objetivos expostos em seu regulamento (2002, p. 1):

Art. 1º - Promover a arte através de apresentações e exposições nos diversos gêneros artísticos [artes cênicas, artes musicais, folclore, dança e exposições de artes visuais] despertando o gosto pelas atividades artísticas com fins educacionais e formativos.

Art. 2º - Congregar as pessoas portadoras de deficiência nos diversos Municípios [dos diferentes] Estados [...] promovendo intercâmbio social à vivência dos aspectos positivos da arte, ressaltando as instituições que atendem pessoas portadoras de deficiências como espaço cultural artístico e formativo da comunidade.

Art. 3º - Promover apresentações como forma de desenvolvimento e estímulo à aprendizagem ao portador de deficiência oportunizando-lhe atividades de lazer de terapia e de expressão pessoal.

Art. 4º - Incluir e integrar, através da arte, o portador de deficiência na sociedade.

Art. 5º - Conscientizar a sociedade que a pessoa portadora de deficiência com suas habilidades é capaz de se expressar através da arte, atingindo a sua auto realização.

De acordo com Nascimento (*et al*,2003) o evento ocorria bianualmente e vem gerando “[...] promoção da auto-estima dos artistas à geração de emprego e renda pela profissionalização por meio da arte”.

O “Festival Estadual Nossa Arte” em Rondônia, já foi realizado em vários municípios (Vilhena, Ji-Paraná, Jaru, entre outros) tendo como espectadores as autoridades, pais, amigos e comunidade em geral, convidados pelas instituições municipais. A mesa julgadorabusca ser composta por indicação dos municípios participantes, que levam pessoas com experiência em cada gênero, avaliando e selecionando assim os melhores colocados, e à medida que se tem julgadores em número suficiente, procura-se não deixar que o convidado do município julgue as peças provenientes do mesmo local. A cada evento realizado, procura-se tomar providências que favoreçam a melhor implementação do mesmo.

Segundo pesquisa realizada na “Escola Especial Denise Accorsi Tomio Colaço”, por meio de entrevistas com a diretora e com a coordenadora pedagógica, a referida escola juntamente com algumas APAEs e coirmãs realizam o “Festival Municipal Nossa Arte” seguindo as orientações do seu regulamento em nível nacional. As peças vencedoras, de acordo com seu gênero são então classificadas para o “Festival Estadual Nossa Arte” e desse para o Nacional. Algumas instituições em nível municipal não realizam o festival local, o que também não é exigência, inscrevendo-se em nível Estadual e nesse sim, obedecendo à classificação para a participação nacional.

2.4- A Participação da “Escola Especial Denise Accorsi Tomio Colaço” no Festival “Nossa Arte”: uma experiência pedagógica em Teatro

De acordo com a pesquisa realizada na “Escola Especial Denise Accorsi Tomio Colaço” situada à Rua Antonio Ricardo de Lima, 541, Bairro Apediá, Pimenta Bueno-Rondônia, a mesma entra nesse cenário no ano de 1996. Na época era denominada de Escola Especial CENAPE - Centro de Atendimento às Pessoas Especiais. Passou a ter a denominação atual, a partir do ano de 2004, em homenagem a uma ex-diretora que muito colaborou durante vários anos incentivando inclusive a realização do Festival Municipal Nossa Arte.

Segundo Nascimento (*et al*, 2003):

A participação do CENAPE no Festival Nossa Arte começou no ano de 1996 quando convidados a participar de uma reunião de coordenadores pedagógicos em Ji-Paraná, o presidente estadual das APAEs abordou sobre o assunto, sua importância, objetivos e frisando também que o festival já era um acontecimento Apaeano a nível nacional com o objetivo de promover, na época, a integração dos PNEs [portadores de necessidades educacionais especiais]. O assunto foi então trazido para discussão em reunião na instituição que contou com a aprovação de todos, uma vez que era uma boa oportunidade de mostrarmos para a comunidade local e estadual, quiçá nacional, o potencial dos nossos alunos. Foi escolhido entre os professores um coordenador de artes da escola o qual passou a discutir nesta e em outras reuniões como o trabalho seria desenvolvido.

Segunda pesquisa realizada na escola mencionada, os eventos realizados foram e são financiados por meio da colaboração da comunidade local, por meio de voluntários que cedem serviços, por exemplo de costura, ou doações de comerciantes e empresários; clubes de serviços que, mediante a apresentação do projeto das peças, colaboram com parte do dinheiro para compra de acessórios e figurino, além da participação da própria escola e dos pais. Não há doadores e agências financiadoras predefinidas. Todo esse trabalho vem sendo realizado, de acordo com que orienta Nascimento (Op. Cit.):

A princípio trabalhou-se com atividades/modalidades obedecendo tão somente aos critérios estabelecidos pelo regulamento da APAE, de uma forma aleatória, sem nenhum envolvimento com as atividades pedagógicas realizadas em sala de aula. Os professores paravam todas as atividades e ensaiavam com os alunos peças teatrais, danças, músicas, etc., escolhidos anteriormente por eles. Através de avaliações realizadas ao final do processo e também reuniões de coordenadores pedagógicos das APAEs e da instituição, foram surgindo questionamentos e reclamações importantíssimas para revisão e significação das atividades desenvolvidas. Algumas avaliações apontavam para a visão de que o Festival Nossa Arte veio para "atrapalhar" o desenvolvimento das atividades pedagógicas realizadas nas escolas especiais, não somente no CENAPE. Em decorrência desta realidade onde o processo era visto de forma segmentada e não contextualizada, portanto uma visão tradicional de currículo, ocorreu que muitas instituições já não queriam mais participar. Foi então que em 2000 após reunião pedagógica no CENAPE, estando no momento surgindo a proposta de trabalho com projetos e início de discussões sobre a elaboração de um projeto político pedagógico, que surgiu a idéia de que as atividades do Festival Nossa Arte fossem trabalhadas em sala de aula podendo até, se fosse o caso, ser o seu ponto de culminância. A esta somaram-se outras tais como: contar com a participação dos alunos juntamente com os professores na pesquisa de dados, informações e construção/elaboração das atividades a serem desenvolvidas no festival; os pais e voluntários seriam chamados a participar da confecção dos vestuários e cenários para as

apresentações e estabelecer-se-ia ainda parcerias com a comunidade em geral para a compra de artefatos a serem utilizados.

Atualmente o Festival Nossa Arte realizado pela Escola Especial CENAPE, apesar das dificuldades que ainda surgem, além de ser um evento de relevância na comunidade local, favorece a inclusão social dos PNEs, hoje seu maior objetivo, e ainda contribui ao amadurecimento da equipe com maior espírito de cooperação, aumento da qualidade das relações interpessoais entre os profissionais da escola e do processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Quanto aos resultados dos eventos, a partir dos registros escolares, foram obtidas as seguintes classificações em Festivais Estaduais: em 1996, a peça de teatro “A Sementinha” e a coreografia “A Bailarina”; em 1998, a peça de teatro “Criança Esperança” e a coreografia “Dançando o Verde”; em 2000, a dança folclórica “Boi Bumbá” e a coreografia “Dança do Ventre”; em 2002, a coreografia “A Porta” e a peça de teatro “Estrada de Ferro Madeira Mamoré”; em 2004, a dança folclórica “Amazônia” e a coreografia “Dança Country”; em 2006, a peça de teatro “Do Lixo ao Luxo” e a coreografia “As abelhinhas”; em 2008, a peça de teatro “Alegria sem Dengue” e a coreografia de dança contemporânea “Muda Brasil”.

Dessas participações, no ano de 2006 foi escolhida pelos jurados para a participação da escola em nível Nacional a peça de teatro “Do Lixo ao Luxo”, culminando na ida para Penha, em Santa Catarina, de quatro professores e quinze alunos (RELATÓRIO DE VIAGEM, 2007).

Considerando o papel da pesquisadora como participante envolvida no processo desde seu início, pode-se constatar por meio da observação que não somente os professores envolvidos diretamente nas peças se sentiam inseguros com relação às apresentações, mas também todo o corpo técnico da escola. Mesmo assim, toda a equipe manifestava, sempre, sua preocupação procurando dar o melhor de si para que fossem cada vez melhores, não somente no sentido de vencer a competição, mas no que se refere à qualidade das apresentações e o desenvolvimento dos alunos em diferentes âmbitos do seu ser.

Sem nenhum profissional habilitado na área de arte no corpo docente, os professores usavam de sua criatividade, se organizavam e montavam algumas peças teatrais simples, pequenas coreografias, dramatizações, e dedicavam algumas horas semanais aos ensaios com os alunos. Embora visando o desenvolvimento dos alunos, a princípio, a preocupação com o desempenho artístico dos mesmos sempre esteve

presente.

A maioria dos professores trabalhava de maneira bastante tradicional. Nos primeiros festivais, a equipe não contava ainda com uma estratégia ou instrumento próprio de avaliação do processo de construção de conhecimentos dos alunos. Com o passar dos anos os profissionais foram percebendo o progresso dos alunos e, então, a maioria dos professores começou a desenvolver projetos com diferentes temas e trabalhar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, aplicando-os por meio da área de artes.

Aos poucos, o trabalho interdisciplinar foi provocando nos alunos e profissionais envolvidos uma busca constante de superação de desafios, favorecendo um significativo crescimento não só no que se refere ao desempenho artístico, mas também nos mais diferentes aspectos. Surgiram estratégias e metodologias diferenciadas de trabalho, como o uso da tecnologia como recurso de pesquisa, e a crítica a temas locais que refletem a realidade social brasileira, a exemplo da peça “Alegria sem Dengue”. Esse projeto, por sinal, foi montado a partir de tema gerador apresentado pelos próprios alunos quando do retorno às aulas após as férias, e as vivências pessoais frente a dengue, no ano de 2008.

Os professores e demais funcionários da escola, bem como as famílias dos alunos e até a comunidade em geral, começaram a se envolver, acreditar e investir mais nos alunos. Temos sempre a participação dos acadêmicos de Pedagogia de uma faculdade particular do município, que o fazem como forma de conhecer a realidade, habilidades, capacidades e limitações dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Nesse processo de construção, o trabalho no âmbito pedagógico, mesmo que não se evidencie em todos os alunos, apresenta resultados tais como: aluno com comportamento autístico subir no palco e participar de apresentações; aluna com comportamento de transtorno opositivo desafiador, a se autorregular em relação a seus comportamentos visando a possibilidade de constante participação dos grupos de apresentações; alunos que fugiam da escola e de casa passaram a permanecer na escola após receberem papéis e personagens, evidenciando claro aumento da autoestima e autovalorização.

Mesmo ocorrendo algumas dificuldades no que se refere à compreensão ou mesmo no desempenho físico na realização de coreografias ou performances, sempre existiu por parte dos profissionais envolvidos nesse trabalho, admiração pelo

desempenho dos alunos, e sempre foram respeitados seus limites e ritmo de aprendizagem. A cada ano que se realizava o festival, torna-se mais claro o melhor desempenho deles, o nível de qualidade de apresentação dos números é maior, de forma que a comunidade vem se envolvendo, valorizando e respeitando cada vez mais o trabalho dos alunos.

Percebendo que o evento vem tornando tradicional, em função da quantidade de anos que já foi realizado, esta é uma reflexão para aqueles que muitas vezes não acreditam ou não dão a devida importância à área de artes, tampouco acreditam no potencial que as pessoas com necessidades educacionais especiais tem a desenvolver.

Se o “Festival Municipal Nossa Arte” é uma das estratégias favorecedora do uso de projetos interdisciplinares na escola, contempla também o projeto político pedagógico e favorece a inclusão social almejada. Por que, então, ainda existe o receio de valorizar a arte tanto como meio de expressão e como área de conhecimento? Por que ainda há uma tendência a desacreditar do potencial do outro antes mesmo de lhe serem dadas oportunidades de se mostrar?

Se partirmos do posicionamento de que a aquisição de valores e habilidades passa pelas vivências culturais e educacionais, perguntamos: o que as escolas e os municípios estão ofertando de oportunidade para a educação do olhar, do sentir, do perceber, do ser, do se colocar no lugar do outro, olhar por meio do olhar do outro, como um processo que permita maior espontaneidade, crítica, participação social?

Ficam novos temas para novas pesquisas que, em um processo de ação-reflexão-ação, poderão descortinar novas oportunidades de atuação ao profissional da área de arte, em especial do professor, nos seus papéis de historiador e instigador de descobertas.

CONCLUSÃO

Através do trabalho na Escola e da reflexão descrita nesta monografia, me foi possível perceber a importância de se ensinar arte e o quanto o aprendizado do teatro contribui para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor do aluno com necessidades educacionais especiais.

O trabalho interdisciplinar desenvolvido por meio de diferentes projetos, foi favorecendo um significativo crescimento não só no que se refere ao desempenho artístico, mas também nos mais diferentes aspectos, seja para alunos seja para o profissionais envolvidos. E por meio do aprendizado e da apresentação das manifestações artísticas, se provocou uma transformação não somente nos alunos mas, também, naqueles espectadores que tiveram a oportunidade de prestigiar os eventos. Vem sendo possível fazê-los não somente acreditar no aluno com deficiência, vendo-o como uma pessoa que apresenta um potencial, com diferentes habilidades e como atores representando com qualidade, mas também, refletir sobre os temas sociais apresentados em forma de espetáculo.

Pude comprovar que o teatro favorece ao aluno um aprendizado de maneira dinâmica e prazerosa, contribuindo no desenvolvimento de habilidades e competências em todas as áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

_____. **Decreto nº 6.571**, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007.

CARVALHO, Humberto Farias de. “A importância da história e da crítica da arte para a conservação e restauração”, In: **19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - “Entre Territórios”**. 20 a 25 set. 2010, p. 2654-2662, Cachoeira, Bahia. Disponível: <http://www.anpap.org.br/2010/pdf/cpcr/humberto_farias_de_carvalho.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2010.

COSTA, Robson Xavier da. “A socialização do portador de deficiência mental através da arte”, In: **Integração: V Congresso Nacional arte-educação na escola para todos e VI Festival Nacional de artes sem barreiras**. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL Brasília: MEC/SEESP, ano 12, n. edição especial, p. 16-9, 2000.

FEDERAÇÃO ESTADUAL DAS APAEs. **V Festival Estadual Nossa Arte: regulamento geral – 2002**. Ji-Paraná: 2002 (mimeo).

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAEs. **Festival Nacional Nossa Arte: regulamento geral – www.fenapaes.org.br**. 2012.

FINO, Nogueira Carlos. “Vygotski e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas”, In: *Revista Portuguesa de Educação*, v.14, n.2. Universidade do Minho: 2001, p. 273-291. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf>. Acesso em 03/08/2012.

DESGRANGES, Flávio. ; DESGRANGES, Flávio . Quando Teatro e Educação Ocupam o Mesmo Lugar no Espaço. Caminho da Artes / A Arte Fazendo Escola, São Paulo, v. 1, p. 16-35, 2004.

NASCIMENTO, Alessandra Bertasiet *all*. “Festival Municipal Nossa Arte: contribuições pedagógicas à formação dos portadores de necessidades especiais”, In: **Revista Partes**, ano III, n. 36, ago. 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte**. Brasília, MEC/ SEF: 1998.

PORTAL para jovens. **O que é arte?** Disponível em: <<http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=192&page=1>>

Acesso em: 30 ago. 2010.

RONDÔNIA. Conselho Estadual de Educação. **Resolução n. 552**, de 27 de abril de 2009. Fixa diretrizes e normas complementares para atendimento à demanda escolar nas etapas e modalidades da Educação Básica, aos alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, no Sistema Estadual de Ensino de Rondônia.

SALDANHA, Ana Cláudia de Souza. “Histórico da arte no Brasil”, In: **Manual de arte educação: uma dinâmica para o desenvolvimento**. Federação Nacional das APAEs: Brasília, 1999. cap. 1, p. 8-16. Disponível em:

<http://pedagogiavida.blogspot.com/2010/08/teatro-na-escola-consideracoes-partir.html>

Acesso em: 31 jan. 2012.

OLIVEIRA, Maria Eunice de, STOLTZ, Tania. “**DOSSIÊ: COGNIÇÃO, AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO**”, In: Educ. rev. no.36 Curitiba 2010.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602010000100007>

BARBOSA, Ana Mae. “**ENTREVISTA PESSOAL**” In. Agência Reporter Social e Museu de Artes Contemporânea da USP.

Disponível em:

<http://www.blogacesso.com.br/?p=34>

Acesso em: 17 nov.2012.